

S. Paulo, 30,9,1904

Rangel:

Impossível escrever hoje. Esta pena está de fato enferrujada porque anda muito sem uso. Não me compreendo. Ha tinta, ha papel, ha vontade de escrever\_ e a pena enferruja porque a vontade não tem pernas. Está *cul-de-jatte*. Tenho duas cartas do Candido a responder e nada me sai. Tenho milhões de coisas a te contar\_ coisas do Raul, do Nogueira, do Lino, e tudo vai ficando para quando vieres. Tua ultima carta martelava longamente sobre a tua paixão, mas só me consegui provar uma coisa: que não amas. Isso é literatura, Rangel, não é amor. Quem ama não é derramado assim. E, depois, nesse buraco de Minas, a quem has de amar, Moura? Se aqui não aparece mulher que corrobore e vivifique, aqui que é S. Paulo, que esperar dessas terras que só expluem queijos?

O *Combatente* tem trazido o teu *Guarujá*, e o Oscar Breves continua sempre “apurado”\_ e tremendamente prolixo.

“Adeus, meu anjo, meu etreno amor, meu galhinho de alecrim; lembra-te sempre daquela que no fundo desta cidade, noite e dia, o coração palpita por TI.” É assim que termina a carta de amor que recebi da vizinha fronteira.

LOBATO